



Para pensar o pensamento geográfico: encantos e desencantos do mundo

Thinking about geographical thought: enchantments and disenchantments of the world

1. Reginaldo José de Souza  <https://orcid.org/0000-0003-1178-4587>

1. Universidade Federal da Fronteira Sul  Erechim, Rio Grande do Sul, Brasil

Autor de correspondência: reginaldo.souza@uffs.edu.br

RESUMO

Este ensaio apresenta considerações teóricas sobre a disciplina de História do Pensamento Geográfico (HPG) na graduação, sua contextualização mais abrangente e sua importância para a formação de graduados na área. A escrita foi pautada na prática docente do autor e suas inquietações para conferir um estatuto ético à matéria, a fim de que a HPG reúna conteúdos com todo sentido para compreender que o que precisamos é de uma sociedade orientada para a paz e que os seres humanos se respeitem e se valorizem mutuamente. O autor propõe que o espaço geográfico é o reflexo da saga humana para fugir da Morte. De um lado, nota que a fuga da Morte vem se dando de maneira, no mínimo, contraditória, tendo-se em vista que ainda vivemos em um mundo marcado por violências e guerras. Por outro lado, o autor considera que a Morte, enquanto um temor democrático, poderia ser o grande motivo para que a história das pessoas e, conseqüentemente, do pensamento geográfico, venha a ser expoente da elevação ética da humanidade.

Palavras-chave: Epistemologia; Ética; Morte; Humanidade; Ciência.

ABSTRACT

This essay presents theoretical considerations on the discipline of the History of Geographical Thought (HGT) in undergraduate education, its broader contextualization, and its importance for the training of graduates in the field. The writing is based on the author's teaching practice and his concerns to assign an ethical status to the subject, so that the HGT encompasses content that makes sense in understanding that what we need is a society oriented towards peace, where human beings respect and value each other mutually. The author proposes that geographical space is a reflection of the human saga to escape Death. On one hand, he notes that the escape from Death has been occurring in a contradictory manner, considering that we still live in a world marked by violence and wars. On the other hand, the author argues that Death, as a democratic fear, could be the main reason why the history of people, and consequently of geographical thought, might be a hallmark of the ethical elevation of humanity.

Keywords: Epistemology; Ethic; Death; Humanity; Science.

Introdução

O objetivo deste ensaio é discutir a função de uma disciplina no percurso curricular da formação em Geografia. A História do Pensamento Geográfico geralmente é ofertada nos primeiros semestres da graduação e tem como meta apresentar o conjunto de transformações epistêmicas na ampla história do conhecimento e seus desdobramentos em nosso campo de atuação.

Enquanto docente responsável pela oferta desta matéria nos cursos de Geografia (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, todos os anos deparo-me com o desafio de fazer com que a ciência geográfica seja percebida, pelos estudantes, de maneira um tanto diferente daquilo a que estavam acostumados em suas trajetórias escolares pré-acadêmicas.

É sempre interessante perceber as reações de estranhamento dos acadêmicos quando iniciam, junto comigo, o resgate historiográfico das visões de mundo que foram sedimentando os saberes de nossa área. Geralmente, os discentes não esperam encontrar tantas teorizações sobre a Geografia e a complexidade da constituição desta ciência, pois, as abordagens sobre este tema são muito restritas no ensino médio.

Aqui, pretendo apresentar uma parte das minhas motivações como professor desta matéria, ou seja, os anúncios temáticos que contribuem para que eu mesmo possa construir e reconstruir constantemente as minhas práticas na docência e na investigação geográfica.

Em um primeiro momento, quero tratar da conexão direta entre o espaço e o pensamento, praticamente um reflexo da relação entre Geografia e Filosofia. Desde as minhas primeiras horas de aula com meus estudantes, começo com questionamentos sobre tal relação, no intuito de provocar-lhes inquietações sobre suas próprias atitudes na vida, na sociedade, no mundo e, assim, provoquem-se para o fato de que produzimos geografias antes mesmo de decidirmos que esta seria nossa trajetória profissional.

Em um segundo momento, discorrerei sobre o sentido de uma ciência que tem como função algo bastante ousado: grafar o mundo, a Terra, a nossa vida nos espaços, territórios, regiões, paisagens e lugares. Aprecio pensar no mistério inicial do mundo antes de chegarmos a conceitos que nos ajudam compreendê-lo e a uma era que nos

permite tê-lo na palma de nossas mãos. Quero tratar da aventura humana no mundo encantado, cujos fenômenos naturais deviam ser ainda mais espantosos do que parecem ser nos dias de hoje.

Ao pensar no advento da modernidade, compreendo a Geografia como ciência estruturada no contexto de uma sociedade que passou a imprimir profundas mudanças na sua relação com a natureza. Com a industrialização, o ser humano tornou-se aparentemente distanciado do mundo natural por meio da fabricação de bens de consumo e de produção. Tudo isso com o impulso do conhecimento científico sistematizado, também, para aprimorar o utilitarismo econômico.

Neste ensaio, o leitor perceberá uma forte vinculação com o tema da Morte. Isto porque aprecio contextualizar a História do Pensamento Geográfico como reflexo da saga humana contra a Morte, ou de uma democrática condição de finitude que mobiliza a humanidade na busca por proteção, satisfação de apetites, construção de casas, povoados e cidades, enfim, em ações que criaram e recriam aquilo que chamamos de espaço geográfico. Vamos lá!

Não há pensamento sem espaço

É possível pensar sem espaço? É possível existir espaço sem pensamento? Resposta: não, pois a atividade intelectual é criadora do conceito de espaço e, este, como realidade vivida, cria e recria o próprio pensamento. Assim, a atitude de *filia* ao saber surgiu, ao mesmo tempo, como atividade filosófica e geográfica no longo percurso humano, através da história, para entender os fenômenos do mundo e da vida.

Veloso Filho (2010) lembra que as especulações sobre a natureza, a Terra e suas diferentes áreas já eram realizadas e organizadas pelos filósofos gregos desde o século 6 a.C., resultando em relatos descritivos e em representações cartográficas. Assim como Cavalcanti e Viadana (2010) mencionam que, desde os filósofos pré-socráticos, ao iniciarem as especulações sobre a natureza e suas transformações, erigindo os conceitos de *kosmos* e *physis*, suas atitudes filosóficas contribuíram com o surgimento da ciência geográfica.

Desta forma, pode-se até mesmo pensar em certa fusão entre os conhecimentos filosóficos e geográficos, pois, as iniciativas de estudos daqueles que são conhecidos como os primeiros filósofos também foram atitudes de geógrafos perante o desejo de decifrar a realidade. Geografia e Filosofia seriam, em suas origens, conhecimentos irmanados.

Muito tempo depois das primeiras especulações filosóficas dos pré-socráticos, teríamos aquela conhecida máxima de Descartes “penso, logo existo”. Considero esta afirmação um tanto bonita porque coloca-nos em um lugar de diferença em relação às coisas inanimadas ou aos seres sem consciência de si. Por mais que tanto se critique a atitude cartesiana, sua forma de operar com o humanismo ainda pode ser interessante.

Para existirmos precisamos pensar e, para pensarmos, precisamos do espaço e do tempo. Estas dimensões da existência humana são dadas por meio da relação do ser humano com o mundo, onde a nossa presencialidade deve ser pautada por uma capacidade de ajuizamento sobre nossa própria condição. Então, como geógrafos e geógrafas, a partir de nossa criticidade, ao abordarmos a história das mudanças que as sociedades imprimiram no espaço geográfico, entendemos que o espaço não é uma simples medida de distância que precisamos vencer para viver.

Viver é, sim, transitar de um espaço para o outro. Mas, é preciso pensar nas permanências e nas passagens, nas edificações da vida no tecido social e, ao mesmo tempo, nas transformações. Ou seja, o espaço geográfico, diferente do geométrico, é aquele que intervém em nossos juízos e na definição daquilo que somos.

O pensamento e a consciência de si são espaciais e a História do Pensamento Geográfico pode nos ajudar a compreender o significado mais amplo desta relação, desde tempos em que, talvez, ainda não se pensasse no espaço geográfico como uma condição necessária do existir - intelectualmente e concretamente - no mundo.

Mundo encantado

Atualmente temos toda sorte de tecnologias que desvendam muitos mistérios do mundo. Quase nada parece surpreendente em uma sociedade que prevê a chegada de chuvas, queda ou aumento de temperaturas, cria sistemas de monitoramento das

dinâmicas internas do planeta, lança em sua órbita inúmeros satélites que comunicam acontecimentos daqui e do espaço sideral. Mesmo assim, ainda somos capazes de sentir espanto diante do movimento da natureza. Eclipses lunares ou solares continuam chamando nossa atenção. A atmosfera eletrizada, em noites tempestuosas, ainda causa susto naquele que dorme. Os sons das ondas do mar ainda têm efeito hipnotizante aos nossos ouvidos. Enfim, quero apenas chegar ao fato de que, por mais cientes estarmos sobre o meio técnico-científico-informacional, o mundo ainda pode ser espantoso.

Agora, imaginemos o mundo de nossos ancestrais mais distantes, daqueles que ainda não tinham dominado as técnicas agrícolas, de uma criança primeva que ainda não tinha vivenciado um abalo sísmico e, de repente, começou a sentir a terra chacoalhar, ou mesmo de um adulto que, nos tempos remotos, tinha de enfrentar a natureza por si mesmo, sem os aparatos que temos atualmente. Por certo, o mundo também devia ser muito assustador para aquelas pessoas.

A Psicanálise, enquanto ciência preocupada com o desamparo humano, desde Sigmund Freud, tratou e trata de nossas angústias mais primitivas. Aquilo que é definido como neurose é o resultado de emoções contraditórias que são produzidas desde a infância de uma pessoa (NASIO, 2007), mas, cuja compreensão pode ser ampliada, considerando-a como uma marca na psique humana desde um período que antecedeu a própria cultura como a concebemos hoje.

No ambiente protegido de nossas casas, durante nossas refeições ou naqueles momentos em que paramos para descansar ou ler um livro em nossas poltronas, não é comum pensarmos que o teto sobre nossas cabeças é fruto de milênios da história de fuga humana do desamparo diante das dinâmicas da natureza. *Ceci n'est pas une pipe*, disse René Magritte e a nossa casa não é apenas uma casa, também sendo um espaço que sintetiza a neurótica geografia humana entre a necessidade de *exposição ao* e, ao mesmo tempo, *resguardo do mundo*.

Pode-se dizer que a humanidade se humanizou por meio de suas angústias e medos no mundo encantado. E refiro-me ao adjetivo encantado como, praticamente, sinônimo do comprazimento negativo diante das forças sublimes (KANT, 2017 [1790]). O geógrafo Yi-Fu Tuan (2005) trouxe histórias sobre povos antigos, como no caso dos

egípcios, que temiam o sumiço do Sol. Algo bastante compreensível para uma civilização dependente dos regimes de cheias do Nilo para garantir a produção agrícola e manter sua sobrevivência.

Desta forma, a queda de um astro, a catástrofe em seu sentido mais temeroso, já era um orientador de ações humanas que visavam evitar esse tipo de acontecimento. Assim como no caso dos babilônicos que, ainda conforme Yi-Fu Tuan (2005), realizavam festas para que o próprio céu não caísse sobre a terra. As vertigens das emoções humanas, historicamente, colocaram-nos diante de situações nas quais era preciso evitar cataclismos, doenças, fome e mortes. Quando digo que o mundo devia ser algo encantado, seria muito mais apropriado pensar no sentido de ter movido o pensamento humano para a tentativa de compreendê-lo por meio de suas próprias medidas e referências, a afugentar o desamparo.

Um tanto “naturais” são as criações mitológicas e as religiões que, por sua vez, foram organizadas a partir do direcionamento dos olhos humanos aos céus e à atmosfera (divindades celestiais), às águas e às terras (deuses da floresta, dos mares e oceanos, rios, animais e ameaças infernais vindas do fogo interior do planeta).

Outros exemplos vêm do geógrafo Yi-Fu Tuan (2005), quando também apresentou reflexões sobre as elaborações míticas como manifestações do sentimento de culpa entre os inuítes. Ele relatou como aquele povo passou a representar as divindades do mar e da terra, a partir de uma situação em que teriam tentado suprimir ou ressignificar o remorso por abandonarem crianças órfãs.

Aquela cultura considera que a deusa das águas e das feras terrestres surgiu quando, numa situação migratória, um agrupamento embarcou numa balsa e percebeu que ali havia uma menina sem família. Então, tiveram que atirá-la ao mar. Com a resistência da criança agarrada às bordas da embarcação, deceparam seus dedos para que, enfim, afundasse nas águas. Dos dedinhos cortados surgiram as focas e aquela menina se tornou a fera/deusa das águas que, depois, também se ramificou nas criaturas terrestres.

Relatos como estes fazem pensar na profunda conexão do pensamento geográfico inicial com as emoções humanas. As lendas, as fantasias, as divindades do bem e do mal,

todas resultaram de intenções primevas em explicar algo inexplicável para as épocas em que as histórias surgiram. As fases pré-técnica e técnica foram as de maior profusão das religiões e teísmos, ou seja, personificações de fenômenos da natureza para que se tornassem menos atormentadores à cabeça daqueles que os vivenciavam. Claro que, não há como esquecer, muitos deuses ainda resistem ao período técnico-científico-informacional, são realmente poderosos, continuam regendo comportamentos, aplicando castigos ou recompensas aos fiéis.

O mundo era encantado e, por isso, assustador. Mas, a evolução das ideias, das práticas e o advento tecnológico geraram a sensação de que o mundo é previsível e, então, veio o sentimento de relativo conforto, para além da proteção das divindades, quando a humanidade passou a ser capaz de compreender as dinâmicas da natureza. Porém, mesmo Alexander von Humboldt, um dos precursores das ideias sistêmicas de conexão e equilíbrio da natureza, recuperando o ideal de ordem e *kosmos* da antiguidade grega, este foi surpreendido, no final do século 18, em sua viagem para Cumaná, na Venezuela.

Andrea Wulf (2016) trouxe à tona o temor de Humboldt em um terremoto naquela cidade, em quatro de novembro de 1799, quando o naturalista se sentiu ameaçado pelo caos. Depois que ele superou as prisões psicológicas causadas por sua mãe controladora, além dos entraves políticos e bélicos, que o impediam de sair da Europa em expedições de estudos, finalmente, conseguiu chegar ao continente americano e, menos de quatro meses depois, via-se novamente sujeito às forças superiores que embarreiravam seus caminhos e vontades. Forças estas que, desta vez, podiam ser consideradas maiores que o controle materno: a natureza não idealizada.

Conforme o relato da historiadora, “[...] em seu íntimo Humboldt sentiu um alvoroço. O chão que se moveu sob seus pés destruiu a ilusão de uma vida inteira, ele escreveu. A água era o elemento do movimento, não a terra” (WULF, 2016, posição 1.008). Esta passagem, quando lida sob as lentes psicanalíticas, muito confirma o que Freud apresentou em suas análises sobre as ilusões e neuroses humanas no contexto da obra “O Futuro de uma Ilusão” (1927), quando nos provoca a pensar que a natureza ainda

poderia ser considerada uma potente desencadeadora de neuroses, devido sua imprevisibilidade, descontrole de suas dinâmicas, profusão de doenças e morte.

Outra referência também é interessante para contribuir à discussão. Desta vez de Immanuel Kant, ao refletir sobre a faculdade de julgar aquilo que é tido como belo e como sublime na natureza:

Rochedos audazes e proeminentes, por assim dizer ameaçadores, nuvens de trovões acumulando-se no céu, avançando com relâmpagos e estampidos, vulcões na sua inteira força destruidora, furacões deixando para trás devastação, o ilimitado oceano revolto, uma alta queda d'água de um rio poderoso, etc., tornam a nossa capacidade de resistência de uma pequenez insignificante em comparação com seu poder. Mas o seu espetáculo só se torna tanto mais atraente, quanto mais terrível ele é, contanto que, somente, nos encontramos em segurança e de bom grado denominamos estes objetos sublimes, porque eles elevam as forças da alma sobre a sua medida média e permitem descobrir em nós uma faculdade de resistência de espécie totalmente diversa, a qual nos encoraja a medir-nos com a aparente onipotência da natureza. (KANT, CFJ, § 28, 104).

Estas considerações sobre o poder de encantamento do mundo, bem como do medo que causa no ser humano, comparecem aqui com o propósito de provocar a imaginação para pensarmos sobre a histórica condição de desamparo à qual fomos lançados desde os primórdios.

Eu aprecio pensar a História do Pensamento Geográfico como uma atividade de resgate da nossa trajetória de luta contra a Morte. Como aquela Morte retratada por José Saramago (2005), não a morte minúscula, mas, a Morte. Futuramente nós não existiremos mais. A Morte não é uma especulação ou um relativismo. Se o futuro já existe, nele estamos todos aniquilados. No entanto, a Morte não aniquila a natureza porque ela, a Morte, pode ser considerada como a própria natureza em permanência.

A natureza não tem intenções ou julgamentos. Ela não nos quer fazer o mal, assim como também não nos quer fazer o bem, pois, não possui razão, simplesmente sendo o que é, acontece, flui, transforma-se sendo perpétua. Neste movimento ocorre algo de inusitado: democraticamente estamos todos condenados à Morte e a finitude é a nossa única certeza (SOUZA, 2022).

Parte-se da hipótese de que esta certeza pode ter um peso mais difícil de ser suportado pelo pensamento do que pelo corpo. O que, por exemplo, justificaria a

necessidade de sistematizarmos a História do Pensamento Geográfico, a fim de não perdermos de vista as nossas referências. Nos dias de hoje, o ser humano, em seus contextos sociais, vive imerso na necessidade de segurança e de controle dos acontecimentos da vida. Porém, morrer subtrai quaisquer intentos de pleno domínio das próprias ações e das atitudes dos outros. Se pensar é um privilégio humano em relação aos outros animais, iludir-se com a permanência e temer a Morte também é, ironicamente, uma “privilegiada” faceta da nossa existência.

Ao contemplarmos todas as grandes produções humanas sobre a superfície terrestre, também desde as profundezas do subsolo e, mais recentemente, em altos estratos atmosféricos e interplanetários, parece ser possível visualizar uma verdadeira saga contra a Morte. A pintura “A luta de homens e animais contra a morte e o tempo”, de David Vinckboons (1615), retrata seres humanos e animais em desespero contra esse monstro, como se todos estivessem em situação semelhante.

Especula-se que as sementes da urbanização foram lançadas a partir das relativamente estáveis aldeias do passado neolítico, quando da sedentarização humana e domesticação das plantas e animais (SPOSITO, 2000). Também é consensual compreender que a forma de organização dos comandos de grupos sociais esteve ligada à produção de excedente alimentar, divisão do trabalho e consequentes incursões em territórios alheios para garantir o reabastecimento e manutenção da reprodução social distantes de possíveis colapsos por falta de recursos.

Desde os tempos mais remotos até os dias atuais, os seres humanos parecem estar em constante processo de atualização de seus temores (SOUZA, 2024). Por um lado, isto vem garantindo certo desenvolvimento e conforto para a vida, sem esquecer das hierarquias da partilha das benesses tecnológicas e dos recursos. Por outro lado, a corrida contra a Morte também se assemelha com a incapacidade de viver sem um propósito ergonômico, de ter uma atitude contemplativa, de aceitar o descanso, de restar em paz. O que isto tem a ver com a História do Pensamento Geográfico?

Uma ciência no contexto das forças produtivas

Quando penso na evolução da Geografia, desde o pensamento mítico até o presente tecnológico, o que vem à tona são organizações do intelecto humano a fim de superar o enigmático peso da Morte. Se, conforme Michel de Montaigne (2017 [1572]), filosofar é aprender a morrer, talvez, a Geografia e sua história nos mostrem que geografar é aprender sobre o que a humanidade vem construindo para não morrer.

Antônio Carlos Robert Moraes (2007 [1983]) afirmou que, até o século 18, os conhecimentos geográficos eram mais dispersos, não perfilando um saber sistemático. Com o advento da industrialização, este cenário geográfico muda. O que não exclui o fato de que as bases desta ciência já não tivessem sido dadas pela curiosidade em compreender o planeta, a natureza e o próprio ser humano já desde as primeiras especulações filosóficas.

A sedentarização dos agrupamentos, o domínio de técnicas de produção de alimentos, vestes e casas até que se chegasse à vida social em aldeamentos, depois, em conjuntos urbanos, levaram à complexificação das sociedades. Kant (2020 [1795]) nos fala que a distribuição da população terrestre teria se dado em função da guerra e da necessidade de coesão e fortalecimento interno dos estados, que foram naturalmente se dividindo conforme suas línguas.

As investidas territoriais, anexações e conquistas encontraram apoio na produção cartográfica e esta, por sua vez, também deu suporte para acentuar diferenças, criar limites, fronteiras, eleger os marcos e as linhas divisórias entre os povos. A natureza humana se constituiu numa espécie de movimento duplo, autorreflexivo e projetivo, nos quais reconhecer a si demandava – e demanda – conhecer o mundo, os outros, lidando com as adversidades da natureza e os adversários em conflitos.

Ernest Becker (2021 [1974]), ao tratar da negação da Morte, remete-nos para o grande motivo da repressão humana. Diferentemente de Sigmund Freud, para ele a maior repressão psíquica não é a sexualidade, mas, o medo da Morte. Eu parto da hipótese de que, desta repressão, frutificaram todas as formas e conteúdos que nós, seres humanos, estamos produzindo desde muito tempo nisto que chamamos de espaço geográfico.

Não deduzam que, com esta hipótese, eu tenha algum intento de neutralizar as atitudes egocêntricas ou gananciosas. Em um lado da moeda, a crueldade e o instinto de

matar também são facetas do humano, no bojo da luta contra a Morte. Por outro lado, a faceta da criação compõe uma dialética que nos trouxe até aqui, ou seja, ao tempo em que temos computadores, internet, vacinas, transportes rápidos e tantas outras benesses tecnológicas. O advento da modernidade mudou a Geografia.

A elaboração do conhecimento geográfico, na modernidade, esteve diretamente atrelada às mudanças das dinâmicas econômicas. As bases da Geografia científica foram construídas a partir do contexto de desenvolvimento da produção industrial. Com isso, a tradição descritiva fazia todo sentido em um mundo no qual a transformação da relação sociedade-natureza se orientou pelos ditames da mecanização e transformação dos próprios elementos naturais em matérias primas/recursos.

Com o aumento da industrialização, cada vez mais foi preciso saber a localização e a distribuição espacial das matérias primas: jazidas minerais, rios, determinadas espécies vegetais, enfim, toda sorte de coisas da natureza às quais foram atribuídas o status de “fontes” para a produção e comercialização de mercadorias. A Geografia do século 19 a meados do século 20 correspondia a este modelo econômico, ao mesmo tempo que ele próprio demandava tal tipo de fazer científico, ou seja, de um saber que se ocupava da catalogação/descrição a fim de oferecer os atlas que possibilitavam definir as melhores e mais viáveis estratégias de aproveitamento do que o mundo oferecia para as linhas de produção.

O geógrafo Antônio Carlos Robert Moraes (2007) chamou atenção para o fato de que o conhecimento geográfico foi forjado no bojo das forças produtivas do continente europeu, que se espalharam por toda a superfície terrestre. Compreender esta relação entre a ciência e os interesses econômicos nos permite melhor observar a evolução recente daquilo que é chamado de História do Pensamento Geográfico.

Com a intensificação da transmutação da natureza em valores de troca, bens consumíveis, comercializáveis, criação de necessidades múltiplas no contexto da vida social, enfim, houve a modificação intensa do espaço geográfico, das cidades e das áreas de produção rural. O referencial comum de valor, ou seja, o dinheiro, passou a orientar as ações das forças produtivas como meio e como finalidade do próprio processo de produção. A política e a economia são feitas *por* e *pelo* dinheiro e isso também trouxe

consequências do ponto de vista da apropriação e dos usos do espaço, visualizado não como mera distância entre pontos, mas, como elemento essencial para movimentar a acumulação de riquezas. O espaço contido de recursos, potencialmente realizáveis na forma de mercadoria, é um campo de batalha.

Quando os interesses políticos e econômicos nacionais entraram em conflito, então, a Geografia ganhou a roupagem de uma ciência estratégica para orientar os exércitos e suas armas. Yves Lacoste (2008 [1988]) bem nos lembra, com sua crítica à Geografia que serviu para fazer a guerra, que essa ciência foi um saber direcionado ao controle dos territórios e das pessoas, pode-se dizer responsável pela relação entre ganhadores e perdedores no campo bélico, mas, igualmente, à consolidação da geopolítica mundial pautada na dominação e exploração dos países mais desenvolvidos sobre os periféricos.

Com a emergência dos Estados Unidos como potência da ordem global no pós-segunda guerra mundial, responsável pela manutenção de um poderio capitalista contraposto à organização socialista da então União Soviética, o conhecimento geográfico se tornou outra estratégia de catalogação de estatísticas populacionais e de recursos necessários ao planejamento produtivo em diversas escalas intra e internacionais. A geografia quantitativa foi o marco mais significativo da mudança de perspectiva sobre a natureza, conforme tratado por Tulio Barbosa (2006), quando objetivamente esta passou a ser vista como recurso.

Muito embora a ação de planejar tenha, em sua essência, a necessidade de dirimir conflitualidades e consolidar espaços homogêneos - em termos de organização para a produção econômica - o avanço das economias industriais não se deu de modo distante de situações que sequer poderiam ser entendidas como inesperadas. A acentuação de problemas sociais deixou evidente que o mundo pós segunda guerra ainda continuava, na prática, em guerra. Não se tratou unicamente do conflito entre um bloco de países com ideologia capitalista contra outro de ideologia socialista. Internamente aos países e suas orientações econômicas havia problemas sociais crescentes como a pobreza, o desemprego e a fome.

A ciência para o planejamento não teria mais razão de ser em contextos marcados por crescentes conflitos de classe, inchaço urbano, pressão para saída das pessoas das áreas rurais e, notadamente, o próprio despreparo econômico das cidades para incorporar as grandes levas de famílias que buscavam alternativas para continuarem a sobreviver. Para tal situação não haveria planejamento capaz de apagar as contradições e conflitos sociais, bem como a própria Geografia não poderia atravessar imune a determinadas problemáticas.

A década de 1970 foi significativa em termos de uma virada epistemológica para a pesquisa geográfica. A inserção do materialismo dialético e o engrossamento da criticidade nos estudos sobre as cidades, o campo, as relações cidade-campo, os impactos ambientais, os movimentos sociais, enfim, fizeram com que esta ciência não pudesse mais sobreviver com as mesmas atitudes descritivas ou catalogadoras do passado, quando sua finalidade ainda era fazer a guerra ou servir aos interesses dos estados nacionais.

O mundo em transe, ainda palco de guerras regionais e guerras locais, demanda por novas perspectivas e chaves de leitura, interpretação e solução de problemáticas variadas. A profusão dos movimentos sociais, desde os ambientalistas, a causa trabalhadora, dos povos tradicionais, o feminismo, o combate ao racismo, o reconhecimento dos direitos das pessoas homossexuais e, mais recentemente, das pessoas transgêneras, fez com que outros desafios epistêmicos se apresentassem ao nosso campo científico.

A Geografia deveria tratar de um mundo em transe com múltiplas “guerras”: os brancos contra os negros, os heteronormativos contra as outras formas de relações e comportamentos eróticos e/ou afetivos, o patriarcado contra os direitos das mulheres, o capitalismo contra os direitos dos trabalhadores e a grande indústria contra o meio ambiente. Ademais, as discussões em torno de perspectivas identitárias as mais diversas fizeram com que a ciência geográfica também tivesse de dar conta de um amplo espectro de desafios que, por sua vez, não teriam como ser explicados unicamente pela chave de leitura da realidade a partir do conflito de classes econômicas distintas.

Afinal, dentro da própria classe trabalhadora, vários conflitos passaram a ser vivenciados e, muitos deles, com fortíssimas expressões espaciais/territoriais que

interferem na condição de ser/estar das pessoas no mundo, nas cidades, nas áreas rurais... Por exemplo, como tratar da condição geográfica de uma mulher negra, trabalhadora, mãe solteira, lésbica e todos os problemas que enfrenta para conseguir ser reconhecida enquanto mulher, para ter garantido o direito de decidir sobre seu corpo, sem que seja estigmatizada e impedida de ser o que ela é e sem correr riscos de agressões físicas, verbais e outras formas de violência?

São muitos os enfrentamentos aos quais nos enquadramos. Parece que olhar para a complexidade da vida social, somente através das lentes do conflito de classe, passou a exigir algo mais. Então, o fenômeno humano deve ser problematizado para além da questão do trabalho, da alienação e da exploração, englobando também o campo das experiências, percepções e interpretações da realidade, sob os olhos daqueles que vivenciam questões outras que, também, são marcadores que vão além da exploração econômica, aprofundando-a.

Para não concluir: o desencanto do mundo

Um dia não haverá mais Geografia. Esta é uma certeza. Não em função de quaisquer projetos de desvalorização do ensino, das disciplinas escolares e acadêmicas ou pelo fato de que o espaço geográfico venha se comprimir a tal ponto, com as tecnologias de comunicação, que perca seu sentido.

Um dia o mundo vai acabar. Esta é uma certeza. Aqui também não se faz referência a textos bíblicos ou quaisquer especulações de natureza religiosa. O conhecimento produzido pela humanidade, até os dias de hoje, é que permite prever o apocalipse.

Mas, por alguma razão, fugimos deste pensamento e tal incapacidade de aceitar o processo natural da finalização das nossas vidas fez com que, de modo abrangente, criássemos hábitos culturais que reproduzissem a ideia de continuidade do fluxo da vida sempre à frente, com vistas no futuro, como se a eternidade fosse garantida pela reprodução sexual, dos descendentes e de toda a materialidade de objetos que compõem a vida social pela via do trabalho.

Assim, caberiam questionamentos: será mesmo possível crer que estaremos para sempre no mundo? As dinâmicas da natureza, que precederam a própria consciência

humana, só fazem sentido quando pensadas sob o enfoque no ser humano? Quer dizer, nenhuma dinâmica da natureza existiu antes de a humanidade surgir por aqui? Para além disso: a nossa presença na superfície do planeta, com todo o aparato tecnológico que há atualmente - e tudo aquilo que a tecnologia promete para o futuro - seria o suficiente para garantirmos a existência de gerações futuras?

Um dia não haverá mais Geografia porque não haverá mais Mundo. Esta é uma hipótese que nasce inquietante e previsivelmente certa. A verdade buscada pela Filosofia, desde os tempos mais remotos, termina com a Morte. Nela há algo de sublime, pois, trata-se da expressão máxima da permanência da natureza para além do desejo humano de continuar existindo. A Morte dirime as diferenças entre os seres humanos porque, com ela, todos comungamos a presciência da nossa própria finitude.

Desde a obra “O futuro de uma ilusão”, Sigmund Freud (1927) alertava para a necessidade de o ser humano defrontar-se com seu próprio vazio sem apelar para valores culturais que fossem cultuados como escape ao sentimento de desamparo. Aquele psicanalista alertava para o fato de que a religião, entre valores culturais como ciência, arte e filosofia, cumpriria o importante papel de humanização do próprio humano, pelo fato de que haveria o culto ao divino no mesmo patamar de representação que teria a figura paternal na vida de alguém.

O superego coletivo seria, assim, o desdobramento do superego individual transposto para a vida social. Como a sociedade demanda regramentos para que não se auto aniquile, então, foi necessário que ideias com forças para frear os instintos humanos fossem forjadas no decorrer da história da vida em comunidade. Como filhos desamparados que todos nós somos, passamos a cultuar fervorosamente um divino espírito a fim de suprir a posição parental, com a qual nos acostumamos desde nossa chegada ao mundo, para que possamos continuar existindo, crescendo, desenvolvendo, reproduzindo e, ainda, acreditando na promessa de uma vida que continuará após a nossa morte.

A Geografia sempre foi definida como a ciência que explica a Terra, os desenhos e redesenhos constantes da superfície do planeta, tanto pela ação da natureza quanto pela ação dos seres humanos. Penso que esta perspectiva é belíssima porque tenta traduzir o

trabalho de muitos pensadores, pesquisadores e professores que procuram contribuir com a vida em sociedade, explicando o mundo que vivemos e os nossos papéis nele. Porém, aprecio prever outro desafio para definir este conhecimento: a Geografia como ciência de uma Terra que também morrerá.

Considerando-se que Geografia e Filosofia são saberes irmanados, penso que estes conhecimentos podem se aproximar ainda mais, conforme a perspectiva de Michel de Montaigne, ou seja, se filosofar é aprender a morrer e se quem ensinasse as pessoas a morrer as estariam também ensinando a viver, logo, a Geografia pode muito bem ser uma ciência que nos ensine, mais do que tudo, a viver.

Assim, a História do Pensamento Geográfico pode fazer ainda mais sentido se, desde agora, também discutirmos nossa finitude. Isto pode ser bom, pois, pensar a trajetória histórica de um conhecimento, obriga-nos fazer com que ele seja muito vivo enquanto ainda existir. E esta vivacidade deve fazer propor Geografias que contribuam para produzirmos espaços, não de fuga da Morte, mas, de aceitação dela. Ao aceitarmos a Morte, seremos capazes de reconhecer que a Vida de todos nós deve ser bem vivida. Logo, a insistência humana em variadas guerras e conflitos não pode continuar a ser o mote da escrita da História da Geografia, sobretudo quando podemos ser melhores do que fomos no passado.

Referências

BARBOSA, Tulio. A influência da Geografia Teorética-Quantitativa na transformação teórica do conceito de natureza em recursos naturais nos livros didáticos de Geografia do ensino fundamental. **Geografia em Atos**, n. 6, Volume 1, Presidente Prudente, Dezembro de 2006.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme. Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga. In: **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. Paulo R. Teixeira de Godoy (org.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução: António Marques e Valério Rohden. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.

_____. **A paz perpétua**. Editora: Mimética, 2020. Formato Kindle.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. São Paulo: Papirus, 2008.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio: que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios**. Editora: L&PM Pocket, 2017. Formato Kindle.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 2007.

NASIO, Juan. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPÓSITO, Maria Encarnação. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, Reginaldo José de. Oedipal Humanity: Helplessness, Castration and the Society-Nature Neurosis. **Natureza Humana - Revista Internacional De Filosofia E Psicanálise**, 26(1), 60-78, 2024.

_____. A Sociedade como passagem e a Natureza como permanência. **Geograficidade**, 11(2), 117-126, 2022.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

VELOSO FILHO, Francisco de Assis. Forma, dimensões e feições gerais da Terra: da Antiguidade ao Renascimento. **Mercator**, volume 9, número 18, 2010.

Recebido: 28/05/2025 Publicado: 13/09/2026

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito